

RELACIONAMENTO ABUSIVO E SUAS PERCEPÇÕES

ABUSIVE RELATIONSHIP AND THEIR PERCEPTIONS

¹DE ASSIS, Ana. C. L.; ¹MANZATO, Ana. C.; ¹ESTEVO, Bruna. L. C.; ¹FERREIRA, Larissa. C. D.

¹Departamento do Curso de Psicologia.

Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos. UNIFIO/FEMM.

RESUMO

A presente pesquisa justifica-se pela importância de se discutir sobre a questão de relacionamentos afetivos que são abusivos, onde há o sofrimento que este tipo de relacionamento causa, porém falta o reconhecimento de que se trata de uma relação tóxica e prejudicial. Tem-se como objetivo esclarecer e informar sobre relacionamento abusivo e como a cultura e a normatização de papéis tem influência nos relacionamentos, verificando as diferenças existentes na visão de homens e mulheres sobre relacionamentos afetivos e quais são as percepções sobre os diversos tipos de abusos e violências presentes em um relacionamento abusivo, tais como: violência psicológica, sexual e física. Buscou-se também, explicar a padronização romântica e condicionada à papéis determinados pelo gênero nos relacionamentos, apontando como esta relaciona-se com a banalização de agressões e sua influência nos relacionamentos abusivos. Buscou-se ainda discorrer sobre o conceito de ciúme e a romantização deste, elucidando a toxicidade que este pode ter nas relações. Por fim abordou-se a relação álcool-agressividade. Este estudo ocorreu através da revisão de literatura e para conhecimento dessa realidade, foi realizada pesquisa de campo por meio de questionário com alunos de diversos cursos com questões abertas e de múltipla escolha a respeito da temática apresentada. De acordo com os resultados apresentados, percebe-se que há a visão por ambos os sexos de que nossa sociedade é patriarcal, contudo, este reconhecimento é maior por parte das mulheres, dentre outras coisas percebeu-se também que há maior tolerância por parte delas para atitudes abusivas de seus parceiros, por já serem atitudes culturalmente impostas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Patriarcal; relacionamento abusivo; ciúme.

ABSTRACT

The research is justified by the importance of discussing the issue abusive relationships, where there is the suffering that this type of relationship causes but lack the recognition that it is a toxic and harmful relationship. The objective is to clarify and report on abusive relationship and how the culture and normalization of roles influences relationships, verifying the existence of differences in the view of men and women on affective relationships and what are the perceptions about the various types of abuse and violence present in an abusive relationship, such as: psychological, sexual and physical violence. It was also sought to explain the romantic and conditioned standardization of the roles determined by gender in relationships, pointing out how this relates to the trivialization of aggressions and their influence on abusive relationships. It was also sought to discuss the concept of jealousy and the romanization of jealousy, elucidating the toxicity it may have in relationships. Finally, the alcohol-aggressiveness relationship was discussed. This study was carried out through the literature review and for the reality's knowledge, a field survey was carried out by means of a questionnaire with students of several courses, with open and multiple-choice questions about the topic presented. According to the results presented, it is perceived that there is the view by both sexes that our society is patriarchal, however, this recognition is greater on the part of the women, among other things it was also perceived that there is greater tolerance on the women's side to abusive attitudes of their partners, because they are already culturally imposed attitudes in our society.

Keywords: Patriarchal; abusive relationship; jealousy.

INTRODUÇÃO

O patriarcado é um sistema de proteção, privilégios e opressão. Este sistema perpetua o poder de dominação do homem sobre a mulher, se tornando uma pauta para o movimento feminista, que luta pela igualdade de homens e mulheres. Esta relação de submissão pode ser familiar ou estatal (TIBURI, 2018).

Analisando o patriarcado a nível estatal, ou seja, como o estado compreende as necessidades das mulheres, percebe-se o quanto é prejudicial para a mulher viver neste tipo de organização social. Homens ocupam mais lugares de poder na sociedade, principalmente na política, desenvolvendo projetos que na maioria das vezes são conservadores e privilegiam a sua existência.

A respeito da submissão familiar, Narvaz e Koller (2006) associam patriarcado e família, ressaltando que patriarca não significa necessariamente o poder do pai, mas sim da figura masculina. Narvaz e Koller (2006 *apud* MILLET, 1970; Scott, 1995) afirmam que no patriarcado o homem tem controle da sexualidade, corpos e autonomia feminina.

Atualmente, os papéis sociais mudaram e as mulheres desempenham atividades profissionais, além de serem, em grande maioria, as únicas responsáveis financeiramente pela família, constata o IBGE (2010).

Magno (2016 *apud* MACHADO, 2000 p.1), relata como as mudanças sociais deram origem ao chamado “patriarcado contemporâneo”, no qual a relação entre homem e mulher continua tendo desigualdades, tanto em meio social, profissional e familiar.

Segundo Drumont (1980 p.82), o machismo é um sistema de representações e dominação. Sendo assim, separando as relações entre homens e mulheres em posições de dominado e dominante configurando mutuamente uma situação de objetos.

Um dos exemplos de dominação é o ciúme. Com isso, Centeville e Almeida (2007) relatam que o ciúme surge quando um dos parceiros percebe uma ameaça, real ou imaginária, para o relacionamento. De acordo com os autores, o ciúme se torna uma patologia quando a pessoa que está sentindo passa a atacar o parceiro, usando esse sentimento para aprisionar o outro, chegando até mesmo ao extremo da violência física.

Para Rios (2013 s/p), o ciúme é um sentimento que todos já sentiram, mesmo que em intensidades diferentes. “Guarda em si o medo da perda e atualiza

angústias arcaicas que fizeram parte da constituição do psiquismo de todo indivíduo.” Rios (2013). Para além daquilo que é de ordem subjetiva, a cultura influencia diretamente na relação do sujeito com o ciúme, pois além de ser naturalizado, é romantizado. Muitos acreditam que ciúme é uma demonstração de afeto. Com o crescimento visível dos casos de feminicídios, onde muitas vezes o agressor comete um crime passional motivado pelo ciúme, é relevante que ocorra a “desromantização” do mesmo.

Atualmente há o reconhecimento legal de que as mulheres têm o direito de serem livres e respeitadas em seus relacionamentos, que comportamentos vexatórios e abusivos são violência. A Lei nº 11.340/06, Art. 7º, II; intitulada Maria da Penha, estabelece que violência psicológica seja:

[...] qualquer conduta que lhe cause danos emocionais e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (BRASIL, 2006).

No entanto, mesmo com o reconhecimento legal, ainda é difícil em nossa sociedade a constatação deste tipo de violência, pois se estruturou em nossa cultura a ideia de que violência é agressão física.

Casique e Furegato (2006 s/p), afirmam que “o movimento feminista, do início da 2ª metade do século passado, destacou-se por denunciar casos de violência contra a mulher, dando luz a essa realidade que, até então, só era mencionada em âmbito privado.” As autoras reiteram que as violências físicas sofridas pelas mulheres debilitam a sua saúde, as oprimem e ferem sua dignidade e que as mulheres que resistem a uma relação abusiva, indefinidamente, acabam perdendo a saúde individual (física e mental) (CASIQUE e FUREGATO, 2006 s/p).

Em questão à violência sexual, Dantas-Berger e Giffin (2004, p.420) apontam que muitas vezes, dentro do casamento, quando o homem força sua mulher a ter relações sexuais é pouco visto como violência, e sim como “normal” dentro da relação. Tal fato caracteriza uma situação de opressão para mulheres que consideram o sexo uma apresentação de uma relação maior.

Barroso e Zélia (2008, p.8) relatam que os agressores costumam não atacar suas parceiras em locais públicos ou na presença de agentes policiais. Desse modo, as violências entre os casais e o alcoolismo aparentam não ter relação entre si, porém, na prática, regularmente são simultâneos.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com o método descritivo quantitativo com alunos dos cursos de Administração de Empresas, Arquitetura e Urbanismo, Agronomia, Bacharel em Sistema de Informação, Direito, Enfermagem, Farmácia e Medicina Veterinária do período noturno de um Centro Universitário do interior do Estado de São Paulo. Fizeram parte da amostra 259 universitários.

Considerando que a cultura possui influência nos relacionamentos afetivos amorosos entre casais, naturalizando alguns comportamentos considerados abusivos, foi desenvolvido um questionário que continha 2 questões abertas e 10 questões fechadas, com o objetivo de verificar quais eram os comportamentos aceitáveis pelos participantes. Não ocorreu a seleção dos alunos, eles foram instruídos e convidados a responderem. Os alunos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido para que os dados pudessem ser usados nesse artigo. Para a análise dos resultados, optou-se pela utilização de gráficos de coluna e método estatístico não probabilístico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

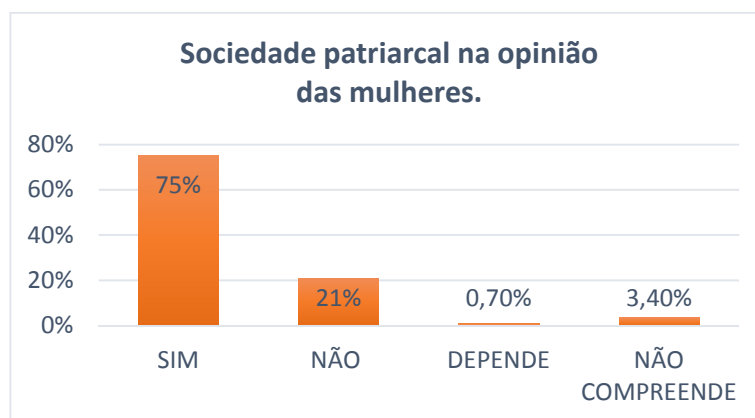
Obteve-se uma amostra de 259 participantes, dentre eles 147 mulheres e 112 homens. Nos formulários, houve um total de 12 perguntas, 2 abertas, onde os participantes discorreram sobre a pergunta e 10 fechadas, com opções objetivas.

Optou-se por ambos os gêneros para que pudesse ser observado a diferença entre eles no que se refere à percepção de um relacionamento afetivo. Visto que o objetivo era observar os limites de aceitação de determinados comportamentos dentro de uma relação conforme o gênero e a hipótese era de que mulheres tendem a tolerar mais comportamentos considerados abusivos.

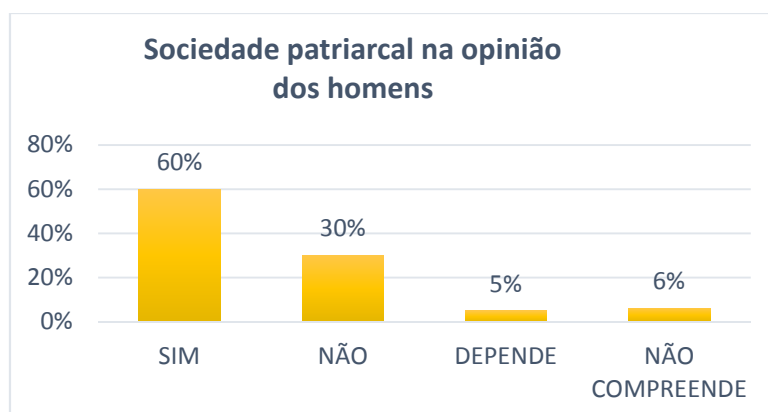
Com relação a idade, constatou-se que 52% do conjunto amostral feminino tinham idades menores a 20 anos, 42% de 20 a 29 anos, 3% de 30 a 39 anos, e 3% acima de 40 anos. No conjunto amostral masculino 45% tinham menos de 20 anos, 56% de 20 a 29 anos, 2% de 30 a 39 anos, e 3% acima de 40 anos. Quanto à religião, no conjunto amostral feminino, verificou-se 60% são católicas, 15% evangélicas, 3% espíritas, e 22% não tem religião. No conjunto amostral masculino, 53% são católicos, 11% são evangélicos, 2% são espíritas, 6%

agnósticos e 28% não tem religião.

Questionou-se aos participantes se os mesmos consideram que vivem em uma sociedade patriarcal, pois avaliaria-se qual a percepção que os entrevistados possuem quanto a isso e a influência da estruturação social dentro de um relacionamento. A partir das respostas, pôde-se perceber que 75% das mulheres acreditam que vivem em uma sociedade patriarcal, 21% disseram que não, 0,7% disseram que depende e 3,4% não compreenderam o conceito patriarcal na pergunta.



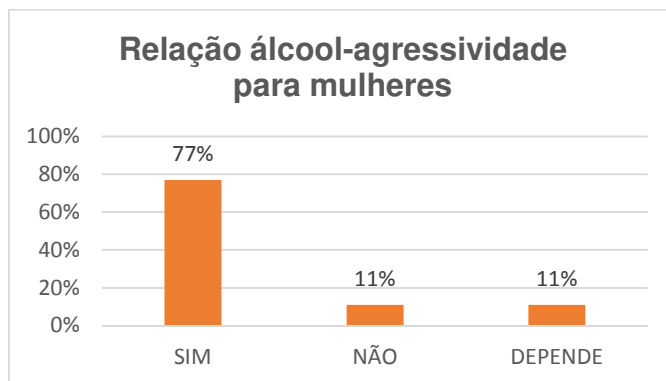
Em relação ao conjunto amostral masculino, 60% acreditam que vivem em uma sociedade patriarcal, 30% disseram que não, 3% que acreditam que depende e 6% não compreenderam o conceito patriarcal na pergunta.



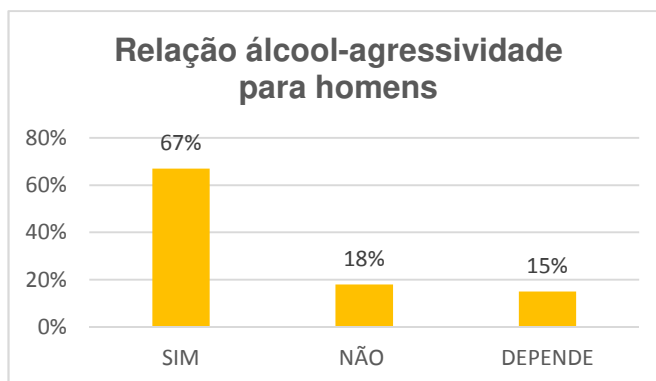
Barroso e Zélia (2008) em sua pesquisa, na qual falam sobre a violência que as mulheres sofrem de seus parceiros, afirmam que as mulheres que procuram os institutos de medicina legal tentam, de certa forma, encobrir as agressões com desculpas de que o álcool tenha sido o culpado de atitudes violentas que o parceiro teve. A partir disso, os participantes foram questionados sobre a influência do álcool

em relação a comportamentos agressivos, pois a presente pesquisa tem como uma das hipóteses que há uma naturalização de comportamentos agressivos dentro de um relacionamento, usando o álcool como uma justificativa para tais comportamentos.

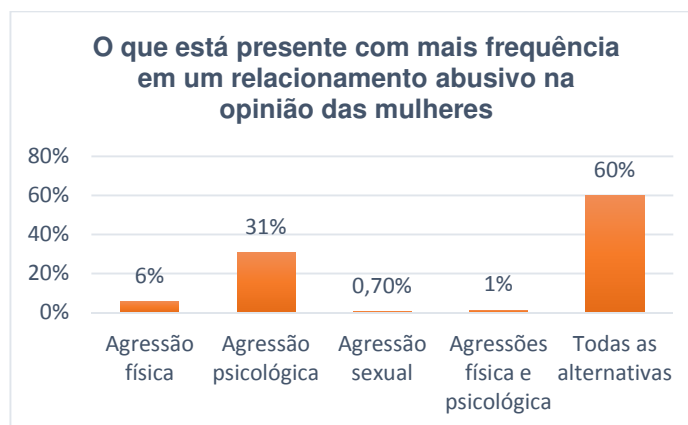
Quanto aos resultados, obteve-se os seguintes dados: 77% das mulheres acreditam que o álcool, de alguma maneira, tem relação com comportamentos agressivos, 11% acreditam que não e 11% disseram que depende do indivíduo.



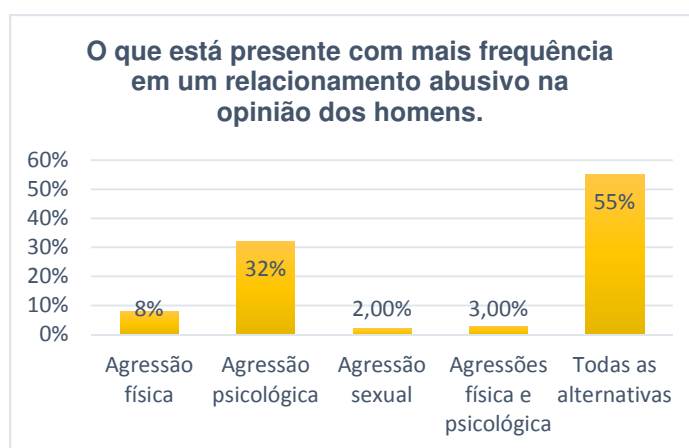
No conjunto amostral masculino, 67% dos entrevistados acreditam que o álcool possui relação com comportamentos agressivos, 18% deles acreditam que não e 15% afirmaram que depende do indivíduo.



Procurou-se, nesta pesquisa, descobrir qual o tipo de agressão mais frequente em um relacionamento abusivo, na opinião dos participantes. Com isso, concluiu-se que 6% das mulheres acreditam que a agressão física é a mais frequente, 31% crê que é a agressão psicológica, 0,7% optaram pela agressão sexual, 1% acredita que as agressões física e psicológica são mais frequentes, e 60% optaram por definir que todas essas agressões aparecem com frequência em um relacionamento abusivo.



No conjunto amostral masculino, constatou-se que 8% acreditam que a agressão física é a mais frequente, 32% assinalaram agressão psicológica, 2% definiram a agressão sexual, 3% optaram pelas agressões física e psicológica, e 55% concordam que todas aparecem com frequência.

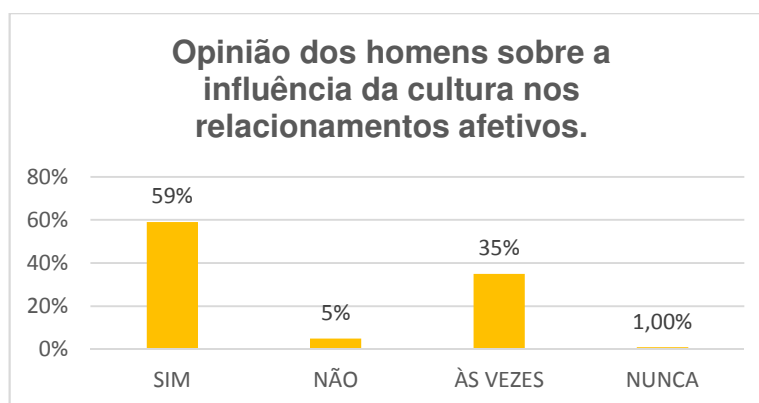


Ao observar nossa cultura vemos a influência destes comportamentos em todos os relacionamentos, inclusive em relacionamentos afetivos, Maia destaca que "quando o machismo impera no relacionamento amoroso de um casal, sua existência pode resultar em relacionamentos abusivos." (Maia 2016 p.5). Com isso, perguntou-se aos entrevistados se eles acham que a cultura possui influência nos relacionamentos afetivos.

Do conjunto amostral feminino, 65% das mulheres afirmam que a cultura possui influência nos relacionamentos afetivos, 4% delas acreditam que não, 32% optaram por assinalar às vezes, e nenhuma delas marcou que a cultura nunca possui influência nos relacionamentos.



Em relação a amostra masculina, 59% deles acreditam que a cultura possui influência nos relacionamentos afetivos, 5% assinalaram não tem influência, 35% optaram por às vezes, e 0,9% creem que a cultura nunca possui influência nos relacionamentos.



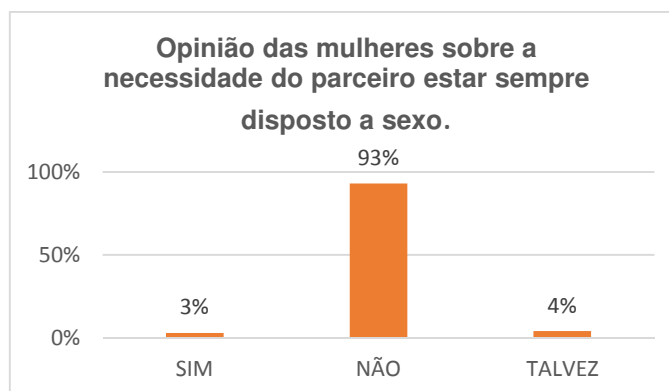
Foi indagado aos participantes sobre a aceitação do comportamento de fazer piada sobre o parceiro na frente de outras pessoas. De 147 mulheres, 3% consideram é aceitável, 26% disseram que não, enquanto 37% definiram que às vezes e 34% assinalaram que isso nunca é aceitável. No conjunto amostral masculino, 5% acreditam ser aceitável, 28% optaram pela opção que diz não ser aceitável, 45% disseram que às vezes, e 22% concluíram que isso nunca é aceitável.

Na quarta pergunta os participantes responderam se é aceitável sempre um dos parceiros, no relacionamento, assumir a culpa nas brigas. Das mulheres, 1,4% acredita que é aceitável, 35% assinalaram que não, 24% optaram por às vezes, e 40% definiram que nunca é aceitável. Em relação aos homens, 18% consideram aceitável, 23% assinalaram que não, 45% definiram que às vezes, e 14% disseram que nunca é aceitável.

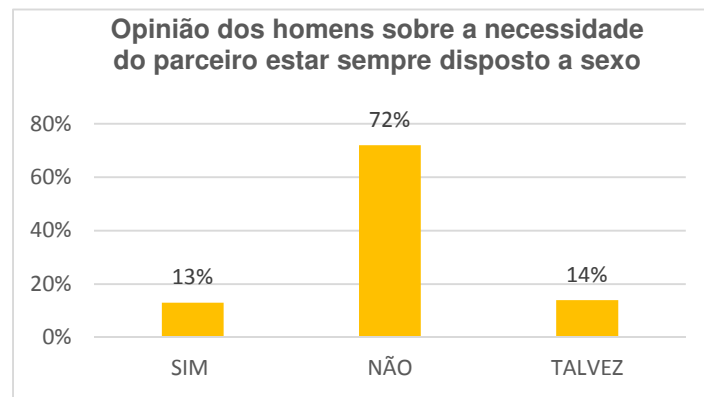
A quinta pergunta indagou se os entrevistados consideram aceitável que um parceiro diga ao outro que além de si, ninguém será capaz de amá-lo. Nos resultados, de um total de 147 mulheres e 112 homens, 2% das mulheres e 4% dos homens consideram que é aceitável, 35% das mulheres e 46% dos homens disseram que não, 4% das mulheres e 5% dos homens assinalaram que às vezes, e 60% das mulheres e 45% dos homens consideram que esse tipo de comportamento nunca é aceitável.

Dantas-Berger e Giffin (2004), afirmam que a relação sexual de maneira repressiva é vista como obrigações conjugais. Todas as mulheres nessa pesquisa relatam que mesmo não estando dispostas ao sexo, e o homem insistir, não reconhecem como violência. Tendo em vista essa leitura, a sexta pergunta indagou aos participantes se eles consideram que o parceiro tem que estar sempre disposto a sexo. Essa pergunta referia-se a obrigatoriedade de fazer sexo com o parceiro, e não a vontade.

No conjunto amostral feminino 3% consideram que o parceiro tem que estar sempre disposto a sexo; 93% responderam que não; e 4% acreditam que talvez o parceiro precise estar sempre disposto a sexo.



Já no conjunto amostral masculino, 13% deles acreditam que o parceiro deve estar sempre disposto a fazer sexo; 72% responderam que não; e 14% disseram que talvez o parceiro tenha que estar sempre disposto a sexo.

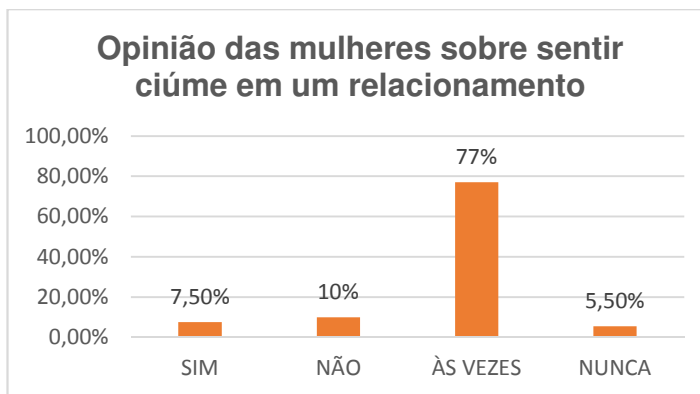


Na sétima pergunta os participantes responderam se consideram aceitável que um parceiro interfira diretamente nas escolhas pessoais do outro. Das mulheres 1,4% acreditam que é aceitável; 35% disseram que não; 38% disseram que às vezes; e 25% consideram que essa atitude nunca é aceitável. No conjunto amostral masculino, 3,5% responderam que é aceitável; 36% disseram que não; 45% dos participantes responderam às vezes; e 16% disseram que esse comportamento nunca é aceitável.

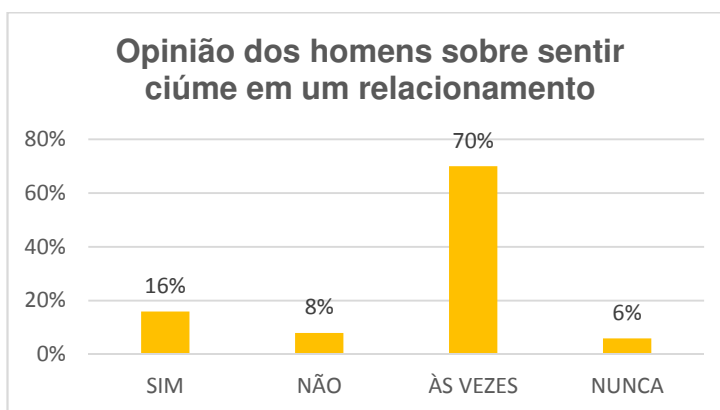
Na oitava pergunta objetiva os participantes responderam se consideram aceitável um parceiro fazer o outro se sentir inferior por não entender determinados assuntos. De 147 mulheres, nenhuma delas disseram que é aceitável, 32% disseram que não, nenhuma marcou a opção às vezes, e 68% responderam que nunca é aceitável. Dos 112 homens, 1% acredita que é aceitável, 40% disseram que não; 2% responderam que talvez; e 57% definiram que esse tipo de comportamento nunca é aceitável.

Segundo Centeville e Almeida (2007), o ciúme surge quando um dos parceiros sente que a relação está sendo ameaçada e isso alimenta a insegurança de quem está sentindo. Os participantes responderam se consideram aceitável sentir ciúme em um relacionamento.

Do conjunto amostral feminino, 7,5% consideram ser aceitável, 10% responderam que não, 77% definiram que às vezes; e 5,5% disseram que sentir ciúme nunca é aceitável em um relacionamento.



No conjunto amostral masculino, 16% responderam que é aceitável sentir ciúme, 8% responderam que não, 70% definiram que às vezes, e 6% disseram que nunca é aceitável sentir ciúme.



Na última questão foi perguntado aos participantes se é aceitável perguntar o que o parceiro está fazendo a todo o momento em que não estão juntos. Das mulheres, 1,4% responderam que sim; 35% responderam que não; 34% responderam que às vezes; e 29% responderam que nunca é aceitável. No conjunto amostral masculino, 2% responderam que sim; 36% responderam que não; 50% responderam que às vezes; e 12% responderam que nunca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos que serviram de base para nossa pesquisa, constatamos que nossa sociedade é patriarcal e, de certa forma, esse modelo social tem se modificado, com as mulheres tomando frente e tendo voz ativa cada vez mais em nosso meio social, mesmo o homem ainda sendo mais reconhecido.

Pudemos perceber, a partir de leituras, o quanto a cultura possui influência dentro de uma relação afetiva e como ela define que tipo de comportamentos as pessoas consideram aceitável ou não dentro de um

relacionamento afetivo amoroso, e com a pesquisa de campo comprovou-se esta hipótese.

Os resultados de nossa pesquisa mostraram que a mulher compreende a sociedade que vivemos e o lugar que ela é posta perante a mesma, tendo consciência de como o homem é colocado como superior. Dentro de um relacionamento, conforme apontado na pesquisa de campo, as mulheres possuem uma maior tolerância para atitudes abusivas, considerando menos aceitável que o parceiro passe por determinadas situações que o coloca em posição reprovável por elas.

Em relação aos homens, na pesquisa de campo pôde-se constatar que eles consideram mais alguns comportamentos como aceitáveis em um relacionamento, por uma questão de cultura, sendo estes criados em uma sociedade que os coloca como superiores, fazendo-os acreditar que possuem direito sobre as mulheres com que se relacionam, quando se trata de uma relação heterossexual.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Zélia. **Violência nas relações amorosas**. 2008. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38329278/597.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1558413967&Signature=0hhM63cyALaozjyvNt0FOOuyMjE%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DViolencia_nas_Relacoes_Amorosas.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.
- BRASIL. LEI MARIA DA PENHA. **Lei N.º 11.340**, de 7 de agosto de 2006.
- Casique, L.C; A.R Furegato, A.R.F. **Violência contra mulheres: reflexões teóricas**. Revistas Científicas de América Latina. São Paulo, 2006.
- CENTEVILLE, Valéria; ALMEIDA, Thiago de. **"Ciúme romântico e sua relação com a violência"**. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/18058>>. Acesso em 10 maio 2019.
- DANTAS-BERGER, Sônia; GIFFIN Karen. **A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?** 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2005000200008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 21 maio 2019.
- DRUMONT, Mary. **Elementos para uma análise do machismo**, 1980 Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1696/1377>>. Acesso em: 21 maio 2019.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero. Censo de 2010. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,2&cat=-15,-16,53,54,55,-17,-18,128,129&ind=4704>>. Acesso em 10 maio 2019.

MAIA; Laura Rodrigues. **A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos**. RIUNI - Repositório Institucional - UNISUL- 2017. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3896>. Acesso em 01 maio 2019.

MAGNO, Renzo. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero**, 2016. Disponível em:<<https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-sua-influencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>>. Acesso em: 21 maio 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e Patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1>>. Acesso em 15 maio 2019.

Rios, F.C. **Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. vol.16 no.3 São Paulo, 2013.

Tiburi, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.